



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 88-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Batalha* — Lisboa \* Telephone?

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## ATITUDE DIGNA

### MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Realmente é espantoso o que se está passando com referência à exploração da mina de Santa Suzana, cujo carvão, segundo a análise e a experiência já feitas, é considerado de óptima qualidade. Ou por outra: de nada nos temos de admirar dada a bandalheira que impera na sociedade portuguesa.

Bem vistas as coisas não há motivos para espanto, pois é pavorosa a desvergonha que avassala o país, que, segundo as declarações dum político de cotação partidária, tem estado a saque, e que, pelas afirmações dum presidente do ministério há pouco falecido, não encontra servidores honestos, pois que, conforme disse o referido político, toda a gente se vende aos potentados, rouba o Estado e o país, tornando-se cumplice no ataque à bôlha e à saída da população, que vai resvalando nos abismos da fome e da tuberculose, enquanto os quadrilheiros das *fôrças vivas* vão arrecadando grandes riquezas.

Esse que assim se vendem e cometem a sombra da miséria do povo, são tântos e estão tam altamente colocados que políticos que num momento de desculpo fizeram tam graves declarações não se atreveram a tocar-lhes. Grande jôgo de interesses e dos mais inconfessáveis deve existir nesta questão de mina de Santa Suzana, pois nas condições afitivas em que se encontra o país, no que respeita a escassas de comestível, tudo indica que se devia proceder com a maior rapidez e honestidade, mas tal não sucede.

A exploração da mina continua a ser protelada sob pretextos vários e o serviço dos caminhos de ferro vai sofrendo as consequências, suprimindo-se comédios porque faltou o necessário para alimentar as formalhas das locomotivas, acumulando-se pelas estações toneladas e toneladas de mercadorias, que para ali ficam a estragar-se, enquanto o povo por essas povoações luta com a falta de géneros. E isto porque não há transportes.

Ora digam-nos, todos aqueles que não se wonderam nem se vendem à canáhula durada, se isto não está a necessitar uma intervenção energica, que higieza de alto a baixo a sociedade em que vivemos.

Se os governantes fossem sinceros, eles seriam os primeiros a provocar a intervenção popular contra as infâncias que realizam enormes fortunas em detrimento do Estado e dos habitantes desta terra.

Mas tal não acontece, os políticos engolem as suas afirmações feitas por inadvertência ou para conseguir quaisquer fins políticos imediatos, e lançam mão de toda a força armada para defender os ladrões e os envenenadores do povo, sempre que este, num gesto de justificada revolta, se dispõe a esmagar os causadores da sua angustiosa situação.

Tudo isto se poderia evitar, com grande vantagem para a economia nacional, se se explorasse com consciência o carvão que há no território português. Mas não se segue esse caminho, que seria o único verdadeiramente honesto e inteligente, porque os interesses particulares dalguns burgueses patrióticos, mesmo sem escrúpulos se antepõem aos interesses do país.

Mas esta omnipotência despótica e lavrada dos capitalistas sobre os interesses gerais da população, precisa ser combatida com tenacidade e mais directamente, pois que deixá-la à vontade, como até aqui, representa uma cobardia e uma cumplicidade ante os crimes praticados pelos velhos e novos-ricos.

Defender os interesses do país, é, portanto, da sua população, é o que pretendem os ferroviários do Sul e Sueste com o seu movimento pró-exploração da mina de Santa Suzana.

Vai o povo ver, mais uma vez, o que tem mais força neste país: se a moralidade dos trabalhadores ou o ouro dos potentados.

Os deputados de todas as cidades sempre prontos a proteger as *fôrças vivas*, que são as responsáveis da desgraçada situação do povo português, o proletariado organizado está preparando-se para levar à prática um grande movimento, ainda no intuito envolto de indicar aos governantes e os especuladores que é preciso mudar de rumo e de processo.

A agitação provocada pelo constante encarecimento dos géneros de primeira necessidade vai aumentando de dia para dia; as classes trabalhadoras vêem-se forçadas a reclamar novos aumentos de salário, na tentativa de evitar sucumbir à fome lenta que já invadiu as lares.

Mas nem só essas reclamações preocuham os trabalhadores organizados. Os nossos camaradas ferroviários do Sul e Sueste, por exemplo, lutam denodadamente para que o Estado faça sem demora a exploração da mina de Santa Suzana, a fim de que, quando não forem melhorados, pelo menos os serviços ferroviários de transportes de passageiros e mercadorias correspondam às necessidades da população.

Conhecem esses nossos camaradas que é bem como nós o que valem a honestidade e a iniciativa dos que mantêm a vida nacional e por isso é que juntam às suas reclamações de

classe esta outra que, interessando-se duplamente como profissionais e como habitantes do país, é para este dum incalculável alcance económico: reclamar do Estado que inicie e desenvolva a exploração da mina de Santa Suzana.

O seu jornal, orgão da classe, *O Sul e Sueste*, vem debatendo com constância e energia a questão, e no seu número de ontem faz a afirmação categórica que a classe irá até à greve se a incúria e inacção dos governantes continuarem a manifestar-se.

E' realmente uma atitude digna, a única que resta aos trabalhadores, dentro do actual estado de coisas, para fazerem ouvir a sua voz, a voz dos que se vêem envolvidos a aos potentados, roubando o Estado e o país, tornando-se cumplices no ataque à bôlha e à saída da população, que vai resvalando nos abismos da fome e da tuberculose, enquanto os quadrilheiros das *fôrças vivas* vão arrecadando grandes riquezas.

E' essa a única arma que ainda pode impor um pouco de respeito e de moralidade a esse mundo de rapinantes, que, aplicando ao povo os narcóticos do patriotismo e da salvação pública, ilheão roubando a bôlha e a vida, assamblando e vendendo por preços elevidíssimos tudo quanto é necessário aos habitantes desta terra tam mal aprovada por conveniência duma minoria.

Em presença do desleixo, da cumplicidade ou do que quer que seja dos que tem todo o dever de intervir no assunto, estamos convencidos que os nossos camaradas ferroviários do Sul e Sueste terão que ir até à aplicação do processo extremo, pois tudo indica que poderosas influências se movem para que a mina de Santa Susana não seja explorada pelo Estado e até, talvez, para que não seja explorada, pois que certos meninos bonitos correriam o risco de perder a vida.

O país está arruinado e sem crédito, atravessa uma crise económica tremenda, provocada em parte pela perversidade dos detentores da riqueza social; como medida de salvação decretou-se a restrição da importação de certos produtos, para evitar a saída do ouro, o que dá bem a nota do grande desequilíbrio financeiro existente.

Pois bem, um dos produtos que mais dinheiro faz sair do país é o carvão, que o estrangeiro mostra já relutante a fornecer e quando o faz é a péssima de ouro.

Tudo isto se poderia evitar, com grande vantagem para a economia nacional, se se explorasse com consciência o carvão que há no território português. Mas não se segue esse caminho, que seria o único verdadeiramente honesto e inteligente, porque os interesses particulares dalguns burgueses patrióticos, mesmo sem escrúpulos se antepõem aos interesses do país.

Mas esta omnipotência despótica e lavrada dos capitalistas sobre os interesses gerais da população, precisa ser combatida com tenacidade e mais directamente, pois que deixá-la à vontade, como até aqui, representa uma cobardia e uma cumplicidade ante os crimes praticados pelos velhos e novos-ricos.

Defender os interesses do país, é, portanto, da sua população, é o que pretendem os ferroviários do Sul e Sueste com o seu movimento pró-exploração da mina de Santa Suzana.

Vai o povo ver, mais uma vez, o que tem mais força neste país: se a moralidade dos trabalhadores ou o ouro dos potentados.

Os deputados desmobilizados invadem o Parlamento

BRUXELAS, 29.— A Câmara foi hoje teatro de uma violenta manifestação. Os antigos combatentes invadiram a sala das sessões, onde se produziram violentos tumultos.

Enquanto os deputados estavam reunidos, ao princípio da tarde, vários milhares de antigos combatentes desfilaram com bandeiras pelas ruas da capital.

O cortejo deteve-se à altura da rua da Lei. Uma delegação dirigiu-se então para a Câmara dos Deputados, onde foi recebida pelo sr. Brunet, a quem expuseram os comissionados a côlera dos soldados desmobilizados contra a lenitividade dos poderes públicos e impunidade dos assaltantes. Não oucularam ao presidente da Câmara que a adopção do projeto do governo e a demora de assento até a reabertura da Câmara, depois das férias, traria consequências incalculáveis.

Brinet fez um apelo ao patriotismo dos delegados. "Não tivemos férias durante a guerra", lhe responderam.

Apesar da presença dos soldados colocados às portas do Palácio da Nação, os manifestantes chegaram até elas. Os deputados saíram da sala das sessões e quizeram aconselhar prudência, mas os antigos combatentes, à frente dos quais figuravam os mutilados e inválidos, invadiram a Câmara, depois de escangalharem as portas da entrada, e percorreram os corredores dando gritos hostis ao governo.

Produziram-se então violentos distúrbios apesar das exortações à serenidade feitas pelos deputados, e os desmobilizados entraram na sala dos Passos Perdidos e logo invadiram a sala das sessões e desalojaram quasi todos os deputados.

A comissão executiva pediu uma audiência que ficou marcada para quinta-feira para serem entregues as reclamações do Congresso.

No hemisfério arvoraram as suas bandeiras e começaram aos gritos contra o governo. As forças da polícia tiveram

## II CONGRESSO CORTICEIRO

### São iniciados os trabalhos com a presença de muitos delegados — Saúdações à C. G. T. e à "Batalha"

Ontem, a Associação de Classe dos Fabricantes de Armas, onde *A Batalha* conta em todos os seus componentes amigos sinceros e dedicados, abriu as suas portas aos camaradas corticeiros de todo o país, que ali iniciaram os trabalhos do seu 2.º Congresso.

Não pôde a 1.ª sessão começar à hora determinada, porquanto uma grande parte dos congressistas do norte chegou mais tarde, em virtude dos combóios atrasados.

Ainda assim, já nas vastas e higiênicas salas da Associação dos Fabricantes de Armas se encontravam bastantes congressistas quando ali chegámos, camaradas que vêm cheios do maior entusiasmo para trabalhar, de forma a melhor forma para que se consiga organizar a corticeira em Portugal, se fortifique e se desenvolva, como é necessário se torna neste momento em que se ouve o estrepitar ruinoso do velho mundo a desabar, a desfazer-se os seus crimes e os seus latrocínios.

### 1.ª sessão

Pouco depois das 12 horas foi feita a chamada, à qual responderam 38 representantes das diferentes associações aderentes.

A seguir Silvério dos Santos, da comissão organizadora do Congresso e secretário geral da Federação, faz uso da palavra, salientando o espírito revolucionário que sempre animou a numerosa classe dos corticeiros, relatando as lutas que tem travado contra o patrónato para o conseguimento de melhoria de situação e espraiando-se em considerações várias sobre a necessidade de se fortificar a organização corticeira e, saúda à C. G. T., representada por Alfredo Lopes e Alfredo Neves Dias, respectivamente secretário geral interno e secretário adjunto, e *A Batalha*, também ali representada, como único órgão diário na imprensa do proletariado.

Terminada a sua exortação, são nomeados Joaquim Pegas, Gregório Matos e Abel Carrilho, que constituem a comissão verificadora de mandatos, para reverem as respectivas credenciais. Suspensa a sessão, para a comissão invadida de elementos dirigentes da fábrica a respeito das suas principais cidades — é necessário passar da obra de demolição à reconstrução, apesar de faltarem tantos elementos e os polacos, que não estão associados, ingressem nos respetivos sindicatos.

Por fim o congressista José Ventura apresenta uma proposta, que foi aprovada, para que a 3.ª sessão ficasse assim redigida: "As associações, secções e comités, procurarão a melhor forma de associar o operariado corticeiro que não seja suceder nas diferenças locais.

Uma depois da palavra o delegado de Rossio de Abrantes, que reconhece também a necessidade da propaganda na província, opinando que o prazo para todos os congressistas se associarem é de um mês.

O delegado de Evora acha demasiado o prazo de um mês para que todo o operariado corticeiro se associe, entendendo que esse prazo devia ser de um mês, após a realização do Congresso, salientando que em Evora todos os corticeiros são associados, não se admitindo a trabalhar ninguém que não o seja, o que devia suceder nas diferenças locais.

Uma depois da palavra o delegado de Portalegre, que, na mesma ordem de ideias, refere a necessidade de propaganda.

O delegado de Evora acha demasiado o prazo de um mês para que todo o operariado corticeiro se associe, entendendo que esse prazo devia ser de um mês, após a realização do Congresso.

O delegado de Vendas Novas, que também acha demasiado o prazo de um mês.

As conclusões 4.ª a 9.ª, sofreram discussão, mas foram aprovadas conforme estavam.

As conclusões 10.ª a 14.ª são aprovadas.

As conclusões 15.ª a 19.ª sofreram discussão, mas foram aprovadas conforme estavam.

As conclusões 20.ª a 24.ª sofreram discussão.

As conclusões 25.ª a 29.ª sofreram discussão.

As conclusões 30.ª a 34.ª sofreram discussão.

As conclusões 35.ª a 39.ª sofreram discussão.

As conclusões 40.ª a 44.ª sofreram discussão.

As conclusões 45.ª a 49.ª sofreram discussão.

As conclusões 50.ª a 54.ª sofreram discussão.

As conclusões 55.ª a 59.ª sofreram discussão.

As conclusões 60.ª a 64.ª sofreram discussão.

As conclusões 65.ª a 69.ª sofreram discussão.

As conclusões 70.ª a 74.ª sofreram discussão.

As conclusões 75.ª a 79.ª sofreram discussão.

As conclusões 80.ª a 84.ª sofreram discussão.

As conclusões 85.ª a 89.ª sofreram discussão.

As conclusões 90.ª a 94.ª sofreram discussão.

As conclusões 95.ª a 99.ª sofreram discussão.

As conclusões 100.ª a 104.ª sofreram discussão.

As conclusões 105.ª a 109.ª sofreram discussão.

As conclusões 110.ª a 114.ª sofreram discussão.

As conclusões 115.ª a 119.ª sofreram discussão.

As conclusões 120.ª a 124.ª sofreram discussão.

As conclusões 125.ª a 129.ª sofreram discussão.

As conclusões 130.ª a 134.ª sofreram discussão.

As conclusões 135.ª a 139.ª sofreram discussão.

As conclusões 140.ª a 144.ª sofreram discussão.

As conclusões 145.ª a 149.ª sofreram discussão.

As conclusões 150.ª a 154.ª sofreram discussão.

As conclusões 155.ª a 159.ª sofreram discussão.

As conclusões 160.ª a 164.ª sofreram discussão.

As conclusões 165.ª a 169.ª sofreram discussão.

As conclusões 170.ª a 174.ª sofreram discussão.

As conclusões 175.ª a 179.ª sofreram discussão.

As conclusões 180.ª a

# A BATALHA

no Porto

# AS GREVES

O pessoal da Carris vai para a greve?

PORTO, 30.-C.-O pessoal da Carris de Ferro desta cidade há bastante tempo que anda reclamando uma melhoria de situação, já apelando para o patriotismo da respectiva administração, já falando à *imparcialidade* do município portuense. Apesar, porém, dos esforços empregados pela comissão delegada, no sentido duma solução conciliatória, não se tem passado do terreno das promessas, esperas, desculpas e subteñigios, a parte, passo que a vida asombrosamente se vai dificultando. Farto de esperar e cheio de lérias, o pessoal referido reuniu ontem, e, ouvida a exposição da comissão encarregada de tratar dos melhoramentos da classe, aprovou unanimemente uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Votar a paralisação total dos serviços da Companhia, em princípio; 2.º nomear um comitê de caráter secreto para dirigir o movimento, com o seu levado a esse extremo; 3.º dar ordem para procurar a Comissão para concordar com a direção dos serviços, quando para isso julgue oportunidade; 4.º desde o momento que se efectiva a paralisação dos serviços, considerar e ceducar as actuais reclamações, que devem levar a outras, que nessa ocasião se farão, formando-se, que se o caso actual continua a fronte desequilibrada entre os dois, que destas resoluções seja dado conhecimento ao público, à Câmara, ao governador civil e à Administração da Companhia.

Teremos, pois, uma nova greve do pessoal da Companhia Carris?

O pessoal menor dos correios e telegráficos agita-se

Na sala da Liga das Artes Gráficas, à rua de Entreparedes, efectuou-se uma concordissíssima reunião magna do pessoal deste estabelecimento do Estado, e a atitude dos grevistas auxiliando monetariamente os seus companheiros mais necessitados, ainda mais estreitou os laços de solidariedade, encorajando os grevistas bem dispostos para a continuação da luta, até que as suas reclamações sejam atendidas, o que esperam sejam com brevidade.

## Pessoal dos eléctricos

Reuniu esta classe em sessão magna, pelas 15 horas, para apreciar a marcha do movimento, declarando a comissão não ter ainda qualquer convite para solucionar o conflito. Fizeram uso da palavra diversos camaradas, que declararam estar certos da vitória e assim a classe não tem outro caminho a seguir senão manter-se unida e aguardar os acontecimentos até que isso seja possível.

Foi lido um comunicado do comitê em que discorda que seja atendido o pedido da Companhia para que vão para a geradora serralheiros, pedreiros e serventes, não assumindo a responsabilidade pelo que se der caso qualquer camarada se preste a isso, no que o comitê não crê. Mais aconselha a comissão de melhoramentos a que não efetue qualquer *desmarche* sem que para isso seja convocada.

A classe sancionou estas deliberações e nomeou comissões de vigilância para Santo Amaro e Arco do Cego, para evitar a entrada dos encarregados que sejam ido ao serviço assim como outro qualquer camarada. Foi ainda resolvido pedir à Federação da Construção Civil e ao Sindicato Único Metalúrgico que empreguem os seus esforços para que nenhum camarada pedreiro ou serralheiro vá para a geradora trabalhar, havendo desde já essas camaradas por intermédio de *A Batalha*.

Amanhã reúne o pessoal às 15 horas.

## Pessoal da Casa da Moeda

Segundo as informações que temos recebido, está prestes a terminar este movimento, em cuja solução muito influiu o resultado do conselho de ministros que hoje se efectua, e que, como contem notícias, apreciará as reclamações do pessoal.

A sede do sindicato, onde ontem vieram afixado um placard com um comunicado do *Comitê* notificando as últimas derranças da comissão de melhoramentos, tem afluído grande número de camaradas que animadamente trocam impressões sobre a marcha do movimento, mostrando estar possuidos do mesmo espírito de luta que até aqui tem manifestado.

Será convocada muito brevemente uma assembleia magna do pessoal para tomar conhecimento dos trabalhos da comissão.

O enfermeiro da Imprensa atende na sede do sindicato, o pessoal que, por indicação do facultativo daquele estabelecimento, haja de receber tratamento médico. Na montagem destes serviços muito influiu a elevada dedicação dos corpos gerentes da Associação Escolar de Ensino Liberal.

## EM BEJA

### Operários gráficos

BEJA, 31.-C.-Continua sem o menor desfalcamento, a greve dos nossos camaradas gráficos, que estão animados de grande entusiasmo, confiados na vitória, pois que a razão lhes assiste, visto que o preço dos géneros corre a golo, galgando para 200 e 300<sup>0</sup> de aumento.

Apareceram um desgracado, de que os industriais lançaram mão fazendo deles um *anarco*, mas os grevistas desprezam o miserável que no seu carreiro bestuado julga fazer baquear o movimento.

## Corticeiros de Belém

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.

A comissão dos grevistas teve uma entrevista com o gerente da fábrica Ve-

jação, que demolido a direção.

Continua sem solução o conflito da Casa Paiva & Irmão, Limit.